

Domingo, 19 de Julho de 1959.

a da Capital

RUBEM BRAGA

VIDROS

FUI outro dia visitar o mercado de vidro do Rio, na praça da República, lado oposto ao do Ministério da Guerra — coisa que há anos vinha querendo fazer. São, na verdade, dois mercadinhos, cada um com várias lojas e depósitos de donos diferentes. O amontoamento é incrível, a sujeira é tão grande que há um mau cheiro permanente e geral, além dos cheiros vários e quase sempre ruins dos líquidos das garrafas que estão sendo lavadas. Os homens que ali trabalham são todos portugueses, e no meio daquela feia há uma algazarra constante em sotaques variados e pitorescos.

O grosso do negócio é, sem dúvida, a revenda de garrafas para fins utilitários, mas os homens do mercado sabem que muita gente vai ali procurar vidros bonitos para decoração — e penduram nos barracos, ou enfileiram nas prateleiras, os imensos garrafões de ácido, verdes ou cor de conhaque, e as garrafinhas azuis que os farmacêuticos usam para guardar certos líquidos — um azul intenso, ao mesmo tempo profundo e luminoso.

Vidros assim deviam ser vendidos em mercados de flores; alguns são belos como pedras preciosas. Reclamo dos artistas uma atenção maior para o vidro. Dou uma boa notícia: o pai do escultor Mário Cravo comprou uma grande fábrica de cristal da Bahia. Dou outra boa notícia: Poty está fazendo vitrais para uma igreja no Cosme Velho. Sim, é bom que os gravadores abandonem um pouco a madeira e o metal e lidem com o vidro. E por que o vidro serve para estatuetas e bibelôs e não serve para escultura mesmo, para figuras e composições grandes? Seria belo, e seria democratizar a escultura, facilitar sua reprodução nestes tempos em que o bronze está custando uma fortuna.

... Mas lembro que paguei 450 cruzeiros outro dia por um miserável pedaço de vidro plano, do mais ordinário, para proteger um desenho...